



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

Bianca Nery Ribeiro Batista

**QUILOMBOLINHA:** Projeto editorial de uma coleção de livros infantis sobre  
comunidades quilombolas

Florianópolis  
2023

Bianca Nery Ribeiro Batista

**QUILOMBOLINHA:** Projeto editorial de uma coleção de livros infantis sobre comunidades quilombolas

RELATÓRIO TÉCNICO  
do Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em  
Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina  
como requisito para a obtenção do título de Bacharel  
em Jornalismo.  
Disciplina JOR 6802 - Trabalho de Conclusão de  
Curso, professor Fernando Crocomo  
Orientadora: Profa. Dra. Isabel Colucci Coelho

Florianópolis  
2023

### Ficha de identificação da obra

Batista, Bianca Nery Ribeiro

Quilombolinha : Projeto editorial de uma coleção de livros infantis sobre comunidades quilombolas / Bianca Nery Ribeiro Batista ; orientadora, Isabel Colucci Coelho, 2023.

38 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Graduação em Jornalismo, Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. Jornalismo. 2. Quilombola. 4. Crianças. 5. Infância. I. Coelho, Isabel Colucci. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Jornalismo. III. Título.

Bianca Nery Ribeiro Batista

**Quilombolinha:** Projeto editorial de uma coleção de livros infantis sobre comunidades quilombolas

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de Bacharel e aprovado em sua forma final pelo Curso de Jornalismo

Florianópolis, 04 de julho de 2023.

---

Prof.(a) Valentina da Silva Nunes, Dr.(a)  
Coordenadora do Curso

**Banca Examinadora:**

---

Prof.(a) Isabel Colucci Coelho, Dr.(a)  
Orientador(a)  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof.(a) Leslie Sedrez Chaves, Dr.(a)  
Avaliador(a)  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof.(a) Gilka Elvira Ponzi Girardello, Dr.(a)  
Avaliador(a)  
Universidade Federal de Santa Catarina

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço aos meus pais pelo incentivo ao estudo e por sempre apoiarem as minhas decisões. Aos meus amigos queridos que fiz durante o curso. Agradeço especialmente à professora Isabel pela orientação, pela parceria, pelo direcionamento que tornou este trabalho possível. Aos demais professores de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina. Por fim, agradeço a todos os moradores da comunidade quilombola Ribeirão do Cubatão que me acolheram e compartilharam suas histórias.

## RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) consiste em um projeto editorial de uma coleção de livros sobre histórias recolhidas em comunidades quilombolas, a Coleção “Quilombolinha”. Apresenta, como caso desenvolvido, o primeiro livro: “O Rio está pronto?” criado a partir da história do rio que corta a comunidade quilombola Ribeirão do Cubatão. Esta comunidade está em processo de reconhecimento como comunidade quilombola e se localiza na área rural do Distrito de Pirabeiraba, no município de Joinville, Santa Catarina. Para tal desenvolvimento, usa-se de dois princípios da Pedagogia Ecoancestral: territorialidade e ancestralidade. O trabalho (a) registra o vínculo comunitário por meio de práticas culturais que são exclusivas à comunidade quilombola Ribeirão do Cubatão; (b) contribui com a produção jornalística para as crianças; e (c) viabiliza a produção de outros livros infantis sobre comunidades remanescentes pelo país. O presente trabalho foi concebido no contexto do projeto de extensão “Ribeirão do Cubatão: espaço de educação de jornalistas em direitos humanos”, que se desenvolve a partir da aproximação de alunos do curso de Jornalismo com o projeto de pesquisa de pós-doutorado “Crianças e idosos: escutas, encontros e vidas compartilhadas”, conduzido pela professora Roselete Fagundes de Aviz, do Departamento de Metodologia de Ensino da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

**Palavras-chave:** Quilombo. Quilombola. Ribeirão do Cubatão. Joinville. Crianças. Infância. Projeto editorial.

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1 — Canal de derivação que foi construído entre 1958 e 1967

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1 - Comunidades quilombolas em Santa Catarina

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

DNOS - Departamento Nacional de Obras de Saneamento

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

Incra - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

LINEBEIJU - Literatura Negro-brasileira do Encantamento Infantil e Juvenil

NEPALP - Núcleo de Estudos e Pesquisa em Alfabetização e Ensino da Língua Portuguesa

NICA - Núcleo Infância, Comunicação, Cultura e Arte

NUER- Núcleo de Estudos de Identidades e Relações Interétnicas

Pnad - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

RTID - Relatório Técnico de Identificação e Delimitação

UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina

VIGISAN - Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO: APRESENTAÇÃO DO TEMA E DA PROPOSTA.....</b>	<b>10</b>
1.1 Negros no Sul do Brasil.....	14
<b>2. JUSTIFICATIVA.....</b>	<b>18</b>
<b>3. DESCRIÇÃO E FUNDAMENTAÇÃO DO PROCESSO PRODUTIVO.....</b>	<b>20</b>
3.1 Pauta e planejamento.....	20
3.2 Apuração.....	24
3.2.1 Por que a comunidade quilombola do Ribeirão do Cubatão?.....	24
3.3.2 Imersões no campo de apuração.....	25
3.2.3 Fontes e entrevistas.....	27
3.3 Redação e edição.....	28
<b>4. COLEÇÃO QUILOMBOLINHA.....</b>	<b>28</b>
<b>5. EQUIPAMENTOS E RECURSOS.....</b>	<b>29</b>
<b>6. DIFICULDADES E APRENDIZADOS.....</b>	<b>30</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>32</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>33</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>32</b>
Anexo A - Ficha do Trabalho de Conclusão de Curso – Jornalismo UFSC.....	36
Anexo B - Declaração de autoria e originalidade.....	37

## 1. INTRODUÇÃO: APRESENTAÇÃO DO TEMA E DA PROPOSTA

O maior país do mundo em população negra fora da África também é um país racista. Ainda que parte da sociedade brasileira negue o preconceito racial — o fenômeno do racismo ambíguo descrito pela educadora brasileira Nilma Lino Gomes (2005) —, em todas as estatísticas, a população negra enfrenta um abismo de desigualdades que começa ainda no ventre.

A sociedade brasileira sempre negou insistentemente a existência do racismo e do preconceito racial mas no entanto as pesquisas atestam que, no cotidiano, nas relações de gênero, no mercado de trabalho, na educação básica e na universidade os negros ainda são discriminados e vivem uma situação de profunda desigualdade racial quando comparados com outros segmentos étnico-raciais do país (GOMES, 2005, p. 46).

De acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) de 2020-2021<sup>1</sup>, 47% dos brasileiros se autodeclararam como pardos e 9,1% como pretos. A soma evidencia que mais da metade da população do país é negra: 56,1%. Entretanto, o levantamento quantitativo que poderia ser apenas de caráter descritivo nos assusta quando observamos que essa mesma população é a mais vulnerável no país.

As disparidades raciais iniciam na gestação e no parto. É o que mostra o artigo *A cor da dor: iniquidades raciais na atenção pré-natal e ao parto no Brasil*<sup>2</sup> publicado em 2017 com dados da pesquisa *Nascer no Brasil: Pesquisa Nacional sobre Parto e Nascimento*. Mulheres pretas puérperas, isto é, que estão passando pelo período de pós-parto, possuíam maior risco de terem um pré-natal inadequado, falta de vinculação à maternidade, ausência de acompanhante, peregrinação para o parto e menos anestesia local para episiotomia em comparação com puérperas brancas. Da mesma forma, puérperas pardas tiveram maior risco de terem um pré-natal inadequado e ausência de acompanhante quando comparadas ao mesmo grupo (LEAL et al., 2017). O levantamento da Gênero e Número junto ao Ministério da Saúde via Lei de Acesso à Informação<sup>3</sup> também corrobora com o artigo: entre 2008 e 2017, a taxa de mortalidade de mulheres pretas no parto foi duas vezes maior do que a de brancas.

---

<sup>1</sup> IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios**: Pnad Contínua. Características gerais dos moradores 2021-2021. Disponível em:

[agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com\\_media/ibge/arquivos/6d9302ba400f942a970301b869f70713.pdf](https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_media/ibge/arquivos/6d9302ba400f942a970301b869f70713.pdf).

Acesso em 25 de julho de 2022;

<sup>2</sup> LEAL, M. D. C.; GAMA, S. G. N.; PEREIRA, A. P. E.; PACHECO, V. E.; CARMO, C. N.; SANTOS, R. V. A cor da dor: iniquidades raciais na atenção pré-natal e ao parto no Brasil. **Cadernos de Saúde pública**, v. 33, n. 13, p. 1-17, 2017. Disponível em: [www.scielo.br/j/csp/a/LybHbcHxdFbYsb6BDSQHb7H/?format=pdf&lang=pt](http://www.scielo.br/j/csp/a/LybHbcHxdFbYsb6BDSQHb7H/?format=pdf&lang=pt).

Acesso em: 02 de julho de 2022.

<sup>3</sup> FERREIRA, L. Mães mortas: onde falha o sistema de saúde que negligencia a vida das mulheres negras.

**Gênero e Número**, 2018. Disponível em: [www.generonumero.media/racismo-mortalidade-materna](https://www.generonumero.media/racismo-mortalidade-materna). Acesso em: 02 de julho de 2022.

De igual modo, dados da Pnad Contínua da Educação 2019<sup>4</sup> ratificam o racismo estrutural agora no âmbito educacional. As taxas de analfabetismo, reprovação, privação de anos de estudos e de evasão escolar são maiores entre negros. Esta última com o percentual ainda maior: 20,2% das pessoas de 14 a 29 anos não finalizaram os anos de estudos da educação básica. Desse percentual, 71,7% são pretos ou pardos, isto é, 7 em cada 10 jovens que não concluíram essa etapa da educação são negros.

A mesma população também é a mais prejudicada nas estatísticas sobre o mercado de trabalho. Índices do primeiro semestre de 2022 apontam, que dos 12 milhões de brasileiros desempregados, 64,2% são pretos ou pardos<sup>5</sup>. Em dez anos, a taxa cresceu 5 pontos percentuais, enquanto o índice do contingente de brancos desocupados no país diminuiu 5,2 p.p no mesmo período. Os números altos provocados pela crise econômica e pela pandemia de Covid-19 revelam mais uma marca do racismo: a da fome.

O 2º Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil (II VIGISAN)<sup>6</sup> coletou dados entre novembro de 2021 e abril de 2022. O levantamento aponta que 58,7% da população brasileira vive com algum grau de insegurança alimentar, total que corresponde a 125,2 milhões de pessoas. Observando tal distribuição percentual sob a ótica racial, constata-se que 65% das residências comandadas por pessoas pretas ou pardas não têm acesso regular e permanente a alimentos, sendo que 18,1% destes lares convivem com insegurança alimentar grave. Estamos falando de, no mínimo, 22,6 milhões de pessoas negras passando fome no Brasil.

Quando não morta pela falta do que comer, a população negra morre por violência intencional. O 16º Anuário Brasileiro de Segurança Pública<sup>7</sup> mostra que em 2021, 77,9% das vítimas de homicídio doloso, latrocínio, lesão corporal seguida de morte e mortes decorrentes de intervenção policial (crimes reunidos na categoria Mortes Violentas Intencionais) eram negras. O percentual sobe para 84,1% no caso de mortes pela polícia. As mulheres negras também são as que mais morrem: foram 62% das vítimas de feminicídio em 2021.

---

<sup>4</sup> IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios**: Pnad Contínua. Educação 2019. Disponível em: [biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101736\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101736_informativo.pdf). Acesso em 02 de julho de 2022.

<sup>5</sup> IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios**: Pnad Contínua Primeiro Trimestre de 2022. Disponível em: [biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/2421/pnact\\_2022\\_1tri.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/2421/pnact_2022_1tri.pdf). Acesso em 02 de julho de 2022.

<sup>6</sup> II VIGISAN. **Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil**. 2022. Disponível em: [olheparaafome.com.br/wp-content/uploads/2022/06/Relatorio-II-VIGISAN-2022.pdf](https://olheparaafome.com.br/wp-content/uploads/2022/06/Relatorio-II-VIGISAN-2022.pdf). Acesso em: 02 de julho de 2022.

<sup>7</sup> FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública**, 2022. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/06/anuario-2022.pdf?v=4>. Acesso em: 02 de julho de 2022.

Os dados escancaram que a condição racial determina a vida e a morte de pretos e pardos no Brasil. Como resultado de mais de três séculos de escravidão no país, a população negra padece e resiste diariamente para não transformar-se em algumas das estatísticas mencionadas acima. Essa luta pela sobrevivência é histórica. Um dos exemplos de resistência ainda no período colonial é o quilombo:

O fato é que, no Brasil, como nos demais países nos quais o escravismo moderno existiu, a revolta do negro escravo se manifestou. Devemos dizer, para se ter uma ótica acertada do nível de resistência dos escravos, que a quilombagem foi apenas uma das formas de resistência. Outras, como o assassinio dos senhores, dos feitores, dos capitães-do-mato, o suicídio, as fugas individuais, as guerrilhas e as insurreições urbanas se alastravam por todo o período. **Mas o quilombo foi a unidade básica de resistência do escravo** (MOURA, 2021. p. 25, grifo nosso).

“Quilombo” é uma palavra originária dos povos de línguas bantu e significa acampamento guerreiro na floresta (MUNANGA, 1996; LEITE, 2008). Em 1559, 59 anos após o achamento do Brasil, já havia a primeira referência a quilombo em um documento oficial português, mas foi somente em 1740 que o Conselho Ultramarino formulou outra definição oposta a tradução original da palavra: “toda a habitação de negros fugidos, que passem de cinco, em parte despovoada, ainda que não tenham ranchos levantados e nem se achem pilões nele” (NASCIMENTO, 2018, p. 281).

De forma crítica a partir da descrição do órgão português, o antropólogo e pesquisador Alfredo Wagner Berno de Almeida (2011) resumiu cinco características que seriam determinantes para conceituar quilombo: a) fuga; b) quantidade mínima de escravizados “fugidos”; c) locais de difícil acesso, localização selvagem, ou seja, marcada por isolamento geográfico; d) moradia estável ou não; e) capacidade de autoconsumo e reprodução representada pelos pilões de arroz. Esse imaginário marginal do que seria quilombo vinha sendo retratado por estudiosos e gestores do sistema jurídico, até a Carta Magna de 1988 (VAZ, 2016).

Assim como Almeida (2011), também entendo que o reconhecimento da cidadania e do território das comunidades remanescentes de quilombos não acontece em sua totalidade com a promulgação da Constituição Federal. Para alcançar o artigo 68 da lei fundamental, primeira menção a quilombo desde a primeira Constituição em 1824, foram necessárias inúmeras mobilizações e lutas sociais. É por isso que, “[...] a Constituição consiste mais no resultado de um processo de conquistas de direitos [...]” (ALMEIDA, 2011, p.113). De igual modo, também compreendo que foi a partir de nossa atual Carta Magna que a legitimação política e a ressemantização do conceito de quilombo foram instigadas.

Sendo, portanto, a Constituição de 1988 marco regulatório que desencadeou novas designações ao termo quilombo, julgo pertinente reunir algumas contribuições modernas que colaboram para a construção do termo.

Em 1994, o Grupo de Trabalho da Associação Brasileira de Antropologia, juntamente com pesquisadores, elaborou um documento para o Seminário das Comunidades Remanescentes de Quilombos, realizado no mesmo ano entre 25 e 27 de outubro, em Brasília. De acordo com o escrito,

[...] o termo Quilombo tem assumido novos significados na literatura especializada e também para grupos, indivíduos e organizações. Ainda que tenha um conteúdo histórico, o mesmo vem sendo “ressemantizado” para designar a situação presente dos segmentos negros em diferentes regiões e contextos do Brasil. [...] Contemporaneamente, portanto, o termo Quilombo não se refere a resíduos ou resquícios arqueológicos de ocupação temporal ou de comprovação biológica. Também não se trata de grupos isolados ou de uma população estritamente homogênea. Da mesma forma nem sempre foram constituídos a partir de movimentos insurrecionais ou rebelados, mas, sobretudo, **consistem em grupos que desenvolveram práticas cotidianas de resistência na manutenção e reprodução de seus modos de vida característicos e na consolidação de um território próprio. A identidade desses grupos também não se define pelo tamanho e número de seus membros, mas pela experiência vivida e as versões compartilhadas de sua trajetória comum e da continuidade enquanto grupo.** Neste sentido, constituem grupos étnicos conceitualmente definidos pela antropologia como um tipo organizacional que confere pertencimento mediante normas e meios empregados para indicar afiliação ou exclusão. (O'DWYER, 2008, p. 10, grifo nosso).

Quinze anos após a promulgação da Constituição, o Decreto nº 4.887 regulamentou o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras quilombolas.

Art. 2º Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para os fins deste Decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto-atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida.

§ 2º São terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos as utilizadas para a garantia de sua reprodução física, social, econômica e cultural.

§ 3º Para a medição e demarcação das terras, serão levados em consideração critérios de territorialidade indicados pelos remanescentes das comunidades dos quilombos, sendo facultado à comunidade interessada apresentar as peças técnicas para a instrução procedimental (BRASIL, 2003).

Outra definição atual que leva em consideração a relação entre território e resistência é a de que

[...] os quilombos são coletividades que se estabeleceram como locais de liberdade diante de um sistema autocrático (escravidão), tanto no Brasil

colônia quanto no império, no qual reproduzia uma maneira de vida, de organização social, de territorialidade que pertencia a todos que ali habitavam, isto é, uma coletividade que tem na terra uma cotidianidade, um jeito de existir, resistir e lutar (CRISPIM, 2017, p. 16).

Desenvolvidos os conceitos de quilombo, apresento o foco deste trabalho: a comunidade quilombola, em reconhecimento, Ribeirão do Cubatão, localizada em Pirabeiraba, distrito rural de Joinville, em Santa Catarina.

Com idas à comunidade, entrevistas, escuta ativa, observação das práticas culturais, apuração em fontes documentais, registrei em *O rio está pronto?* uma história infantil com elementos específicos do Ribeirão do Cubatão. A construção do rio, que rege a narrativa e os elementos de fé, arte, hábitos culturais, de alimentação e o enigma final são todos verdadeiros e estão reunidos no livro. Neste trabalho, descrevo o processo produtivo que, além da própria obra, culmina no projeto editorial.

O desenvolvimento de *O rio está pronto?*<sup>8</sup> me mostrou que a metodologia e o formato pensados para o trabalho guardavam potencial para outras produções de narrativas para livros infantis, a partir da recolha de histórias em comunidades quilombolas. Por isso, proponho aqui um conceito e um caminho operacional para uma série de livros, que decidi chamar de Coleção Quilombolinha — denominação elaborada pela pesquisadora Roselete Fagundes de Aviz para o conjunto de narrativas produzidas pelas crianças quilombolas de Ribeirão do Cubatão nas “Oficinas Narrativas”, a partir das histórias ouvidas/recolhidas na referida Comunidade<sup>9</sup>. *O rio está pronto?* é o primeiro livro desta coleção, que, a partir de editais de cultura, convênios com prefeituras, ou outras iniciativas de fomento, pode ser expandida.

## 1.1 Negros no Sul do Brasil

Em *O perigo de uma história única*, Chimamanda Ngozi Adichie conta que, durante a infância, lia livros infantis britânicos e americanos. Quando começou a escrever, também criança, escrevia histórias com personagens que falavam sobre o tempo, brincavam na neve e bebiam cerveja de gengibre. E essas histórias seriam comuns, se não fosse pelo fato de que na Nigéria, país em que ela nasceu, as pessoas não falam sobre o tempo, não brincam na neve e não bebem cerveja de gengibre. A autora só estava reproduzindo as narrativas britânicas e

---

<sup>8</sup> Narrativa criada por mim, a partir das histórias ouvidas/recolhidas na comunidade Ribeirão do Cubatão, no contexto do projeto de pesquisa de Pós-doutorado: *Crianças e idosos: escutas, encontros e vidas compartilhadas* (2022/2023), desenvolvido pela pesquisadora Roselete Fagundes de Aviz, no Instituto de Artes: Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas, da Universidade de Brasília (UnB), sob supervisão da profa. Dra. Luciana Hartmann (2022/2023).

<sup>9</sup> As Oficinas fazem parte de um dos eixos metodológicos do projeto *Crianças e idosos: escutas, encontros e vidas compartilhadas*.

americanas que lia. Ao longo da palestra, que também virou livro, ela relembra que, em uma viagem para o México, acreditou na história única dos imigrantes: a história contada pela mídia dos Estados Unidos, naquele período, de que mexicanos eram clandestinos na fronteira e que fraudavam o sistema de saúde. Sentiu vergonha. “O que isso demonstra, acho, é quão impressionáveis e vulneráveis somos diante de uma história, particularmente durante a **infância**” (ADICHIE, 2019, p. 13, grifo nosso).

A história única do Sul do Brasil é a de que a região é formada por brancos. Exclusivamente por brancos. Quando me mudei para Santa Catarina, em 2013, escutei inúmeras vezes de parentes e conhecidos paulistanos que a região era mais bonita. E essa adjetivação não estava relacionada às paisagens, mas sim ao imaginário criado no decorrer de séculos de que o Sul é um local mais civilizado, próspero e belo, ou em outros termos, um local embranquecido. Esse princípio do branqueamento

[...] orientou a formação do projeto nacional no século XIX e as políticas de imigração do Brasil. Essa ideologia surge conectada às teorias raciais vigentes naquele momento que afirmavam a existência de hierarquias de raças baseadas na suposta superioridade da “raça” branca, na inferioridade de outras “raças de cor”. Além disso, as teorias raciais alertavam também sobre os “perigos” e os “prejuízos” da mistura das raças, pois seria causadora da degeneração psicológica e física das pessoas. Para combater os efeitos negativos da mestiçagem, a ideologia do branqueamento da raça aparece como solução. Mas por que isso aconteceu? Para essa teoria, os “nacionais”, ou seja, os índios e os negros, representavam raças inferiores e portadoras de “duvidosa natureza moral”, conseqüentemente incapazes de produzir em um sistema de livre iniciativa, principalmente no sistema de pequena propriedade (MOMBELLI, 2015, p. 130).

Em Santa Catarina, a população negra corresponde a 15,5%<sup>10</sup>. “A história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne uma história única” (ADICHIE, 2019, p. 26). É urgente modificar o discurso do embranquecimento no estado, caso contrário, a história de, no mínimo, 968 mil pessoas continuará sendo excluída.

Atualmente, de acordo com o Cadastro Único/2020 e lideranças quilombolas, Movimento Negro e Conselho Estadual da População Afrodescendente, existem 21 comunidades quilombolas em Santa Catarina, localizadas em 16 municípios. São 1350 famílias e 4.595 pessoas (SECRETARIA DA ASSISTÊNCIA SOCIAL, MULHER E FAMÍLIA, s.d.). “[...] Se não há negros no sul do Brasil, como explicar a existência dessas

---

<sup>10</sup> IBGE. Características da população e dos domicílios: resultados do universo. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/93/cd\\_2010\\_caracteristicas\\_populacao\\_domicilios.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/93/cd_2010_caracteristicas_populacao_domicilios.pdf). Acesso em: 25 maio 2023.

comunidades quilombolas na atualidade? O historiador negro Clovis Moura afirmou certa vez que ‘onde houve escravidão há quilombolas’ [...]’ (MOMBELLI, 2015).

Quadro 1 - Comunidades quilombolas em Santa Catarina

Comunidade	Município	Nº de pessoas	Nº de famílias
Invernada dos Negros I	Abdon Batista	250	80
Areias Pequenas	Araquari	125	25
Itapocu	Araquari	200	40
Rosalina	Araranguá	175	35
Morro do Boi	Balneário Camboriú	30	25
Invernada dos Negros II	Campos Novos	550	220
Ilhotinha	Capivari de Baixo	480	120
Vidal Martins	Florianópolis	65	31
Mocotó/Queimada	Florianópolis	235	47
Morro do Fortunato	Garopaba	390	78
Aldeia	Garopaba	410	82
Beco do Caminho Curto	Joinville	200	40
Ribeirão do Cubatão	Joinville	80	15
Campo dos Poli	Monte Carlo	Em atualização	Em atualização
Campo dos Poli	Fraiburgo	57	21
Toca Santa Cruz	Paulo Lopes	285	57
Valongo	Porto Belo	90	31
São Roque	Praia Grande	150	61
Caldas do Cubatão	Santo Amaro da Imperatriz	658	262
Tabuleiro	Santo Amaro da Imperatriz	85	33
Tapera	São Francisco do Sul	80	47
21 comunidades	16 municípios	4.595 pessoas	1.350 famílias

Fonte: SECRETARIA DA ASSISTÊNCIA SOCIAL, MULHER E FAMÍLIA, s.d.

Em Joinville, encontram-se duas comunidades remanescentes de quilombo em processo de reconhecimento: Beco do Caminho Curto e Ribeirão do Cubatão. Conhecida como a “Cidade dos Príncipes”, Joinville tem, desde o início de sua história, interesse na europeização e na negação do negro.

“[...] a Sociedade Colonizadora de Hamburgo solicitou ao governo imperial que tomasse medidas para proibir o uso de escravos em Dona Francisca. A intenção explícita dos empresários hamburgueses, longe de combater o sistema escravista e apoiar uma causa humanitária, era isolar a colônia, impedir o contato com os brasileiros e dessa forma manter puro o “caráter alemão” dos colonos. (CUNHA, 2008, p. 109).

A região onde é Joinville atualmente pertencia à princesa Francisca, filha de Dom Pedro I. A princesa herdou 25 léguas quadradas ao casar-se com o príncipe François Ferdinand Phillippe, de Joinville, cidade francesa. Em 1848, o pai do príncipe, rei Luís Felipe I foi destronado. Para recuperarem-se financeiramente, a família buscou colonizar as terras, firmando contrato com a Sociedade Colonizadora de Hamburgo. O objetivo era de que as terras cedidas fossem povoadas e valorizadas (CARDOSO; EICHENBERGER, 2022).

No entanto, segundo Cunha (2008), a colônia Dona Francisca já era habitada por famílias luso-brasileiras e escravizados negros desde pelo menos o início do século XIX.

Assim em 1804, o governo imperial concedia a Antônio de Oliveira Cercal, morador na Vila de São Francisco, ‘e sem terras onde possa trabalhar a sustentação da sua família’, um lote no lugar denominado “Morro da Caxoeira”, onde se achavam terras devolutas, para ali instalar-se com sua mulher, seus oito filhos e dois escravos e dedicar-se à agricultura (CUNHA, 2008, p. 109-110).

É na área rural de Pirabeiraba, mesma região onde se estabeleceu a família Oliveira Cercal, que a comunidade quilombola Ribeirão do Cubatão está localizada. A comunidade foi certificada em 2019 como remanescente de quilombo. O processo de reconhecimento foi aberto em 2020 no Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), mas o quilombo sequer consta no quadro geral dos processos de regularização. Os próximos passos são: elaboração do Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID) do território, publicação do documento, publicação de portaria do presidente do Incra no Diário Oficial da União e dos estados, publicação de Decreto Presidencial de Desapropriação por Interesse Social e, por fim, a titulação.

O fato é que esse processo perpetua-se como uma violação do direito ao território tradicional. Isso porque, caso o ritmo de regularização das terras quilombolas seja mantido,

serão necessários 2.188 anos para titular integralmente os processos abertos no Incra. Se considerarmos as titulações parciais, o tempo é de 1.156 anos. Desde a Constituição de 1988, são apenas 54 territórios titulados pelo Incra, sendo somente 24 comunidades com títulos totais, ou seja, com direito por todo o território. Em 2019, o IBGE mapeou 5.972 localidades quilombolas no Brasil (TERRA DE DIREITOS, 2023).

## 2. JUSTIFICATIVA

Quem pensa nas crianças como destinatárias nas produções jornalísticas? No Repositório Institucional da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), site que aloca trabalhos acadêmicos, teses e dissertações, e acervos, seis resultados de TCC são apresentados quando pesquisamos a palavra-chave “infantil” na divisão do curso de Jornalismo. Destes, apenas um tem as crianças como foco. Se buscarmos a palavra “criança”, o número sobe para 30, mas somente três trabalhos são dirigidos para o público infantil. Nenhuma produção tem recorte racial. No Repositório, há 678 trabalhos finais do curso, feitos de 1982 até o presente ano.

Antes que a escolha do tema do meu trabalho estivesse definida, já sabia que seria direcionada para as crianças. Essa certeza foi determinada nas aulas da professora Isabel Colucci, orientadora deste TCC, ainda na primeira fase do curso. Na disciplina de Estados e Políticas Públicas, ouvi “quem decide pelas crianças?”, “por que não as ouvimos?”. Esses questionamentos afetaram minha trajetória, no curso e na vida. Quero continuar sendo uma defensora das crianças, do Jornalismo para crianças, assim como aprendi com a Isabel.

Durante o primeiro semestre de 2022, em Planejamento de TCC, pensei que tal defesa do Jornalismo para crianças seria realizada com um trabalho final sobre cabelo. Pesquisei e desenvolvi um projeto de conclusão que seria um manual de penteados para crianças negras. A produção foi pensada para ser um livro com ilustrações e instruções de como cuidar dos cabelos crespos e cacheados. Para minha surpresa, 11 dias antes da entrega, um livro com a mesma temática e mesmo público-alvo foi lançado pela Companhia das Letrinhas.

“Conspiração” foi a palavra usada por Roselete Fagundes de Aviz, que daqui em diante chamarei de Rose, quando contei o que havia acontecido. Isabel, que já era minha orientadora no projeto antigo, marcou uma reunião com a Rose, professora no Departamento de Metodologia de Ensino, no Centro de Ciências da Educação da UFSC, para que pudessemos pensar em outras possibilidades e novas abordagens do trabalho. Rose também é pesquisadora do Núcleo Infância, Comunicação, Cultura e Arte (NICA), do Núcleo de

Estudos e Pesquisa em Alfabetização e Ensino da Língua Portuguesa (NEPALP) e do Núcleo de Estudos de Identidades e Relações Interétnicas (NUER). Por esses motivos, e por Isabel já conhecer a sensibilidade que envolve as produções da Rose, que o encontro foi feito.

Ainda que diversas soluções tenham sido pensadas para diferenciar o meu projeto do livro já publicado pela Companhia das Letrinhas, desanimei porque a produção não seria mais inédita. Seria possível, sim, abordar o tema de diferentes formas, pois o assunto não se esgota, mas o manual lançado era exatamente o que me propus a fazer. O fato de o guia ter 144 páginas, duas autoras e uma ilustradora indicada duas vezes ao Troféu Angelo Agostini, também influenciaram minha decisão em desconsiderar a pauta.

Foi a partir da reunião com a Rose, que o Ribeirão do Cubatão chegou até mim. Depois de nosso encontro, ela e Isabel conversaram sobre a possibilidade de alguns estudantes de Jornalismo contribuírem com o registro do projeto de pós-doutorado *Crianças e idosos: escutas, encontros e vidas compartilhadas*, uma pesquisa desenvolvida pela professora, sobre as relações entre crianças e idosos do quilombo Ribeirão do Cubatão, comunidade em que Rose nasceu. Com o aceite dos alunos, fizemos a primeira viagem a Joinville no dia 22 de outubro de 2022. Nesse período, eu ainda não havia decidido qual seria meu novo Trabalho de Conclusão de Curso, mas o Ribeirão já se colocava como uma possibilidade. “Conspiração” Rose diria novamente.

Durante minha segunda ida à comunidade, em 29 de janeiro, descartei todas as pautas pensadas (infâncias negras a partir do cabelo, intercambistas africanos da UFSC e relações com o cabelo, livro-brinquedo sobre penteados para cabelos crespos e cacheados, álbum de figurinhas sobre personalidades negras importantes, e cartas de pessoas idosas negras para crianças negras) para focar em um trabalho sobre o Ribeirão do Cubatão.

Em 02 de abril, na terceira e última ida, eu sabia que falaria para as crianças da região, mas o quê falaria só foi desenvolvido dois meses depois. Todas as histórias contadas, entrevistas realizadas, lugares visitados passaram por um longo tempo de maturação até virarem o livro infantil *O rio está pronto?* que escrevi. Isso porque eu não podia esquecer do Jornalismo. Foi um extenso período de preparação até encontrar o equilíbrio entre realidade e ficção, entre o Jornalismo e a Literatura. Nesse sentido, o formato selecionado para contemplar os requisitos do curso e a minha vontade de escrever para as crianças do quilombo foi construir um projeto editorial de um livro, que detalha todas as escolhas da produção, e ainda o próprio livro, que considero a parte mais importante deste trabalho. “De repente compreendi que existiam na literatura outras possibilidades além das racionalistas e muito

acadêmicas que tinha conhecido até então nos manuais do colégio. Era como se despojar de um cinto de castidade [...]” (MÁRQUEZ, 1982, p. 33).

Diante do que foi exposto até aqui, este trabalho pretende contribuir nas produções para: crianças de comunidades remanescentes de quilombo e para todas as crianças, para que possam se beneficiar de uma educação antirracista. A intenção do projeto editorial é descrever o processo produtivo e criar oportunidades para a escrita de práticas culturais de comunidades quilombolas pelo Brasil. Essas demais produções foram pensadas para integrar a coleção “Quilombolinha”, uma possível série de livros infantis.

Da mesma forma, penso que a escolha de desenvolver um livro coloca em prática os conhecimentos obtidos durante a graduação. Para a confecção, utilizo das ferramentas do Jornalismo, como apuração, entrevistas, redação e edição.

### **3. DESCRIÇÃO E FUNDAMENTAÇÃO DO PROCESSO PRODUTIVO**

#### **3.1 Pauta e planejamento**

Como escrevi anteriormente, desenvolvi, durante a disciplina de Planejamento de TCC, um projeto que se propunha a ser um guia de penteados para cabelos crespos e cacheados. Essa ideia foi desconsiderada a partir do lançamento de um manual de mesma temática e mesmo público-alvo pela Companhia das Letrinhas. Com as viagens para Joinville e a partilha de tantas histórias singulares pertencentes ao Ribeirão, apresentei a primeira sugestão à orientadora no dia 13 de abril. Essa pauta tinha como objetivo ser um livrorreportagem infantil. A ideia central era de que as crianças da comunidade respondessem à pergunta “o que você quer para o futuro do Ribeirão?” e, assim, eu pudesse contribuir com uma reflexão temporal sobre o quilombo. A pauta foi descartada pela incerteza de próximas idas à comunidade (não voltamos depois do dia 02 de abril) e por considerarmos que, com tudo o que vivenciei, seria possível produzir ainda mais pelo Ribeirão e para as crianças da região.

Depois de dois meses de gestação de ideias, estabeleci uma nova pauta que compreenderia dois princípios da Pedagogia Ecoancestral, que a Literatura Negro-brasileira do Encantamento Infantil e Juvenil (LINEBEIJU) faz parte: a territorialidade e ancestralidade (OLIVEIRA, 2022).

Eu sou uma mulher negra e sei que o racismo adoece.

O racismo internalizado pode afetar adversamente a saúde ao fomentar a aceitação e a adesão pessoal a noções sobre defeitos inerentes ao próprio indivíduo e a seu grupo. Pesquisas revelam que o racismo internalizado pode conduzir a baixa autoestima e mal-estar psicológico, e ter impactos amplos e negativos sobre a saúde, ao afetar adversamente a identidade, a

autocompetência e os comportamentos relacionados à saúde (WILLIAMS; PRIEST, 2015, p.151, apud KWAR; MEYER, 2011).

A afirmação também é ratificada por um estudo de 2020 da Universidade de Harvard<sup>11</sup>. Nos primeiros anos de vida, quando se é submetido a situações como pobreza extrema, inanição, negligência, racismo, entre outros, o indivíduo poderá, por exemplo, ter maior chance de desenvolver doenças crônicas que poderão causar sequelas irreversíveis em sua vida. Isso porque a discriminação cotidiana ativa o sistema de resposta ao estresse. Quando acionado em altos níveis por longos períodos, efeitos de desgaste no cérebro podem surgir. São consequências permanentes no aprendizado, no comportamento e na saúde física e mental.

Quando decidi escrever para crianças e, sobretudo, para crianças de uma comunidade quilombola, onde a maioria é negra, também decidi, quase que instantaneamente, que não reproduziria o racismo. Essa certeza já me acompanhava desde o primeiro projeto sobre cabelos. A minha produção não seria responsável por causar uma dupla-violência. A minha escrita não contribuiria para a manutenção do preconceito. O meu desejo, portanto, era criar momentos de alegria, de identificação, por meio da leitura. Momentos de brincadeiras, de direito à imaginação. Por isso, precisei extrapolar o Jornalismo e, assim, recorri à Literatura.

Nada é mais importante para uma criança que um conto que a insira do mundo dos humanos, dos animais e das coisas. Essa inserção faz-se por meio do apelo à sua imaginação. Como sabemos, a sua faculdade de sonhar está sempre desperta. As crianças negras não são exceção à essa regra, exceto pelo fato de que os seus sonhos são perturbados por pesadelos recorrentes, agressivos e demolidores, a realidade ambiente que as agride, as rechaça, e as apaga do mundo real pelo viés de insultos sarcásticos, risos e até agressões físicas (MOORE, 2015, apud. OLIVEIRA, 2020, p. 12).

A Literatura Negro-brasileira do Encantamento Infantil e Juvenil (LINEBEIJU) é a forma que Kiusam de Oliveira utiliza para combater o racismo. A LINEBEIJU integra a Pedagogia Ecoancestral, “cujo posicionamento político é de oposição à colonialidade que impõe a morte às pessoas negras, em plena atualidade” (OLIVEIRA, 2022, p.9). Essa epistemologia deu fundamentação para o trabalho com seus enfrentamentos no campo da territorialidade e da ancestralidade.

**A LINEBEIJU – Literatura Negro-brasileira do Encantamento Infantil e Juvenil** está alinhada à cura, pois busca ser decolonial ao trazer protagonistas com a cara do Brasil e da maioria da população: negra. É uma

---

<sup>11</sup> HAVARD. **How Racism Can Affect Child Development**, 2022. Disponível em: <https://developingchild.harvard.edu/resources/racism-and-ecd/#graphic-text>. Acesso em 25 de maio de 2022.

literatura firmada no solo fértil da Lei 10.639/2003 que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação e que instituiu, no país, a obrigatoriedade do ensino da História e da Cultura Afro-brasileira e Africana na Educação Básica. Ela se opõe à hegemonia epistemológica eurocentrada e busca interpor-se à branquitude. Não poderia ser diferente, uma vez inspirada na vertente literária proposta por Cuti (2010), a Literatura Negro-brasileira (OLIVEIRA, 2022, p. 8-9, grifo da autora).

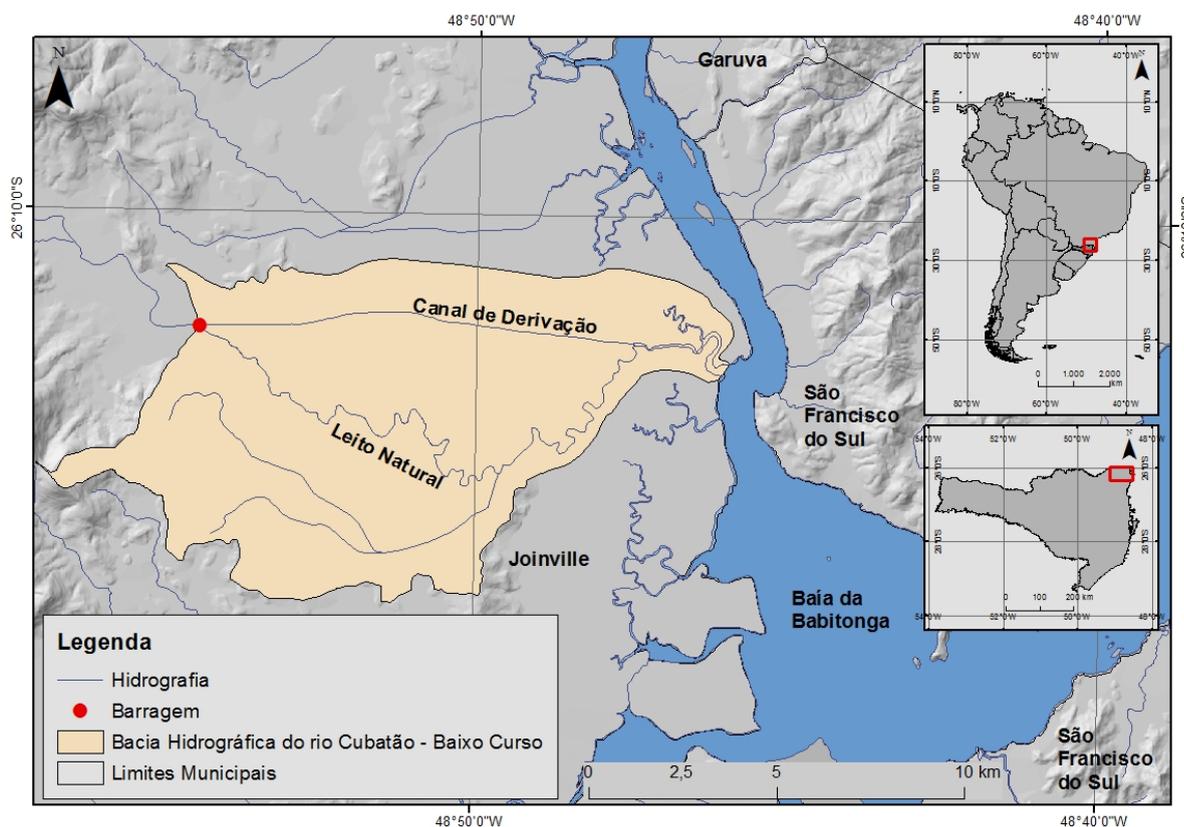
Em primeiro lugar, territorialidade porque *O rio está pronto?* não reproduz a narrativa de europeização do Ribeirão do Cubatão. Na produção, não existe menção à história considerada oficial. Os elementos culturais descritos no livro buscam “recriar laços de afetos coletivos capazes de acolher-ouvir-aprender-falar-trocar-compartilhar” (OLIVEIRA, 2022, p.9).

Já a ancestralidade faz-se presente quando apresento o protagonismo da própria comunidade por meio da memória dos ancestrais. Elementos como histórias de vida, gestualidades, dança, poemas são consideradas plataformas capazes de referenciar a ancestralidade (OLIVEIRA, 2022, p.10).

Firmada na LINEBEIJU e nos conceitos da Pedagogia Ecoacental, pude, em 14 de junho, definir a pauta: um livro infantil que acompanha a construção do rio. A partir dessa ideia, escrevi, de acordo com as entrevistas feitas e a escuta ativa, todos os elementos que representavam o Ribeirão. Elenquei, assim como está disposto no meu caderno: pesca, arte, religião, alimentos e a paisagem. Havia uma variedade de expressões dessas práticas na comunidade, de forma que não me faltaram elementos a explorar no livro.

O livro descreve particularidades da comunidade, visto que tem como público-alvo as crianças da própria região, apresento a seguir informações pertinentes para o entendimento da produção

O município de Joinville é irrigado por sete bacias hidrográficas. A maior delas é a bacia do Rio Cubatão. Com área de 492 km<sup>2</sup>, o rio principal percorre Pirabeiraba. As inundações constantes, afogamentos e a necessidade de eliminar os prejuízos causados pelas destruições de casas e plantações, levaram à construção de uma barragem e de um canal de derivação pelo Departamento Nacional de Obras de Saneamento (DNOS). É a construção desse canal, entre 1958 e 1967, que *O rio está pronto?* se refere. Às margens do então novo canal está localizada a comunidade quilombola Ribeirão do Cubatão (HAAK; OLIVEIRA, 2018).



Fonte: HAAK; OLIVEIRA, 2017

Em nove anos, a comunidade assistiu ao nascimento de 12 quilômetros do canal de derivação do Rio Cubatão. *O Rio está pronto?* traz o exercício de criar uma história que registre elementos factuais e culturais da região, coletados a partir de uma apuração jornalística realizada junto a pesquisa etnográfica em desenvolvimento pela professora Rose.

Os personagens referem-se a moradores do lugar, identificados pela pesquisadora. Costumes e hábitos alimentares foram trazidos para produção a partir da fala dos sujeitos ouvidos. A passagem do tempo na história dá-se pela maturação de um fruto, muito mencionado pelos entrevistados, por exemplo.

Por fim, o mistério que envolve a história também é real. Evidente que não de forma literal, mas o elemento enigmático existiu e, por vezes, assombrou a comunidade, até ser apanhado pelos moradores.

Definindo todos os elementos, comecei a escrita em 15 de junho e finalizei em 21 de do mesmo mês. Acredito que a pergunta “como um livro infantil pode fazer as crianças do Ribeirão do Cubatão se reconhecerem?”, que norteia esse trabalho, foi respondida: com histórias da comunidade, com características que só os moradores da região têm conhecimento. A construção de toda a narrativa só foi possível graças ao diálogo entre

Jornalismo, Antropologia e Educação, relação que desenvolvo na seção seguinte.

## **3.2 Apuração**

### **3.2.1 Por que a comunidade quilombola do Ribeirão do Cubatão?**

A proximidade com a comunidade quilombola Ribeirão do Cubatão tornou-se possível devido ao projeto pós-doutoral da professora Rose, *Crianças e idosos: escutas, encontros e vidas compartilhadas*, e ao projeto de extensão do curso de Jornalismo, *Ribeirão do Cubatão: espaço de educação de jornalistas em direitos humanos*, coordenado pela orientadora deste trabalho. Enquanto a pesquisa tem o objetivo de estudar a vida, a cultura e as relações entre crianças e anciãos da comunidade, a ação de extensão visa aproximar estudantes de Jornalismo de um contexto comunitário, em que eles possam praticar o registro das práticas culturais de um quilombo, contribuindo para o objetivo da pesquisa, que busca impedir o apagamento da tradição oral e dos saberes ancestrais.

Rose, em sua pesquisa, dedica-se a: a) estudar a produção e transmissão de conhecimento na comunidade; b) aprofundar o entendimento sobre oralidade; c) analisar modos de inserção social das crianças; e como consequência, e) contribuir com referências teórico-metodológicas e propostas de trabalho pedagógico relevantes no campo da educação. Para isso, como metodologia de estudo, realiza pesquisa bibliográfica, entrevistas com os idosos do Ribeirão, acompanha momentos específicos da vida em comunidade e desenvolve as "Oficinas Narrativas", momentos de produções narrativas, com crianças e idosos, a partir das entrevistas e recolha de histórias na comunidade.

O projeto de extensão do curso, a partir do levantamento de dados realizados pela pesquisa pós-doutoral: *Crianças e idosos: escutas, encontros e vidas compartilhadas*, da professora Rose, documenta a comunidade com vídeos e fotografias, aproxima os estudantes das comunidades tradicionais e provoca reflexão sobre a prática profissional. Captamos imagens, gravamos entrevistas, registramos as práticas culturais do Ribeirão do Cubatão, selecionadas pela pesquisadora para sua pesquisa de pós-doutorado, enquanto refletimos sobre Jornalismo e direitos humanos.

É diante da conexão da pesquisa de pós-doutorado com a ação de extensão do curso que *O rio está pronto?* nasce. Essa conexão ultrapassa o contato na teoria. Foi preciso viajar para o Ribeirão do Cubatão para que eu pudesse escrever sobre o Ribeirão do Cubatão. Não seria possível desenvolver uma história com informações tão específicas da região sem o deslocamento e a imersão no cotidiano da comunidade. Nesse sentido, descrevo como foram as três idas e o que realizamos em cada data.

### 3.2.2 Imersões no campo de apuração

Realizei três incursões à comunidade do Ribeirão do Cubatão, conforme detalho a seguir. Todas elas foram feitas de carro particular da professora Isabel. Nossa hospedagem se deu em um hotel próximo à casa da professora Rose. As despesas que envolveram locomoção, alimentação e hospedagem foram custeadas pela Isabel e pela Rose.

As atividades dessas incursões foram todas organizadas e planejadas antes de nossa chegada pela professora Rose e fazem parte do campo empírico de seu projeto de pesquisa. A partir das entrevistas realizadas por ela, ao longo de seu processo de estudo, ela selecionava sujeitos de pesquisa que teriam novos depoimentos registrados em formato audiovisual pelos os alunos do curso de Jornalismo e planejava atividades que fossem permitir a expressão das crianças. Ao participar desses momentos, coletei as informações, por meio de entrevistas, fotografias, gravações e observações, das quais precisava para desenvolver meu TCC.

- a) **1ª ida – 22 de outubro de 2022 a 23 de outubro de 2022:** No primeiro dia, então, além da professora Isabel e eu, Camila dos Santos, Marcus Honorato e Warley Alvarenga, também estudantes do curso, chegamos em Pirabeiraba por volta das 10 horas. Ficamos na casa da Rose para receber orientações. Uma hora depois, chegaram Rodrigo Barbosa e Cairê Antunes. Nosso grupo ficou completo e partimos para visitar alguns lugares da comunidade quilombola que a pesquisadora achou pertinente. Nesse dia, também conhecemos o rio. Ficamos por pelo menos duas horas navegando entre o canal de derivação e o rio Palmital. No segundo dia, tivemos a alegria de entrevistar trabalhadores que participaram da construção do rio, que se tornaram personagens do livro aqui desenvolvido. Saímos do Ribeirão do Cubatão em torno de 16 horas.
- b) **2ª ida – 29 de janeiro de 2023 a 31 de janeiro de 2023:** Foi a nossa viagem mais longa. Dessa vez, apenas com Isabel, Erika Artmann, Jaqueline Padilha e eu. A partir de roteiro estabelecido pela professora Rose, fomos à casa de um escultor da comunidade, também transformado em personagem do livro. Depois, estivemos na casa de uma anciã, que compartilhou momentos da infância que se relacionam com o rio e a fé. No mesmo dia, durante toda a tarde, na casa da Rose, separamos os vídeos das entrevistas que fizemos desde a primeira ida. Selecionamos oito trechos e editamos. Aqui, ressalto que houve uma viagem à comunidade nos dias 17 e 18 de dezembro de 2022, mas não estive presente por motivos de trabalho. Nesse encontro, ocorreram entrevistas com famílias que descreveram ritos religiosos da comunidade,

como as promessas a São Gonçalo, também incorporada no livro produzido. Os vídeos que editamos, sob orientação da pesquisadora Rose, seriam exibidos às crianças, como forma de gerar reconhecimento e identificação a partir das histórias contadas pelas pessoas mais velhas na comunidade. O primeiro contato com os pequenos moradores da comunidade aconteceu no dia seguinte. Passamos toda a segunda-feira apresentando os vídeos para cerca de 15 crianças. Conversamos sobre cada trecho e foi único ouvir frases como “ele é meu tio”, “é a minha avó”. No último dia, participamos e registramos o encontro organizado por Rose entre duas outras crianças, de 16 anos e 10 anos, trazidas pela pesquisadora por serem autor e ilustrador, respectivamente, de livros infantis. Após a conversa, foi desenvolvida a metodologia proposta por Rose para que as crianças da comunidade pudessem se expressar sobre sua relação com aquela territorialidade: elas foram convidadas a escrever e desenhar histórias que representassem o Ribeirão do Cubatão a partir dos trechos que assistiram nas gravações em vídeo. A pesca e a diversão no rio foram os elementos mais marcantes que elas especificaram. Gravamos a apresentação que cada criança fez de sua história. Considerei a produção delas uma etapa importante de apuração para mim, pois o desenho e a imaginação de histórias são uma forma relevante de expressão das crianças e podem ser mais significativas, em termos de conhecer seu pensamento, do que a realização de uma entrevista. Terminei a tarde jogando futebol com os meus novos amigos.

- c) **3ª ida – 02 de abril de 2023:** Cairê, João, Warley, a pesquisadora Raquel Mombelli e Rose foram à comunidade no dia anterior, para gravar imagens de pontos selecionados pela pesquisadora. No dia 02 de abril, eu, professora Isabel, Erika e Jaqueline nos juntamos ao grupo. Nesse encontro, participei de uma oficina de audiovisual proposta para as crianças, também como parte das atividades de pesquisa do projeto de Rose. Eu e outros alunos do curso de Jornalismo mostramos a elas conceitos de enquadramento, como plano médio e plano curto, e outras técnicas de filmagem, como o zoom. A segunda parte da oficina previa que nos dividíssemos com as crianças para que elas pudessem roteirizar e gravar as próprias histórias que se relacionassem com o Ribeirão do Cubatão. Fiquei com um grupo formado por duas meninas de 15 e 10 anos. Gravamos duas histórias cujas transcrições estão registradas no material de pesquisa da Rose.

### 3.2.3 Fontes e entrevistadas

“O jornalismo me ensinou recursos para dar validade às minhas histórias (MÁRQUEZ, 1982, p. 35-36)”. Com as ferramentas do Jornalismo, pude, nas imersões, realizar entrevistas, escutar ativamente cada história e identificar particularidades das fontes por meio da observação. Também consultei diversas fontes documentais para contemplar a escrita sobre as estatísticas da população negra no Brasil, a história de Joinville e as diferentes conceituações de quilombo.

Por ter feito minha apuração junto ao campo empírico de uma pesquisa que ainda está em desenvolvimento, não posso detalhar aqui informações sobre as fontes entrevistadas. Elas são sujeitos da pesquisa que a professora Rose vem desenvolvendo sobre a comunidade. Porém, para os fins de registro necessários a este relatório, faço uma breve apresentação do perfil das pessoas ouvidas:

- Um barqueiro de 26 anos, que falou sobre as transformações que percebe no rio e na disponibilidade, cada vez menor, de peixes, em razão da ocupação intensa da área e da exploração das águas pelo turismo náutico. Contou que, na sua infância, as tainhotas pulavam, elemento que está presente no livro;
- Dois anciãos, que participaram da construção do rio. Um deles, morador até hoje da comunidade e outro, com laços familiares, está constantemente presente. Na entrevista, descobrimos como um rio é construído: a draga, um tipo de embarcação flutuante, retira parte dos sedimentos do fundo de rios, mares, lagos, com o objetivo de criar profundidade no canal. Como eles construíram o canal de derivação do Rio Cubatão desde o início, parte do processo precisou ser manual. Por isso, no livro, escrevi “corta o mato, abre o caminho e tira areia”. A obra durou nove anos e abriu 12 quilômetros do rio;
- Um ancião, morador do Ribeirão do Cubatão e escultor. Ninguém sabe como a habilidade de esculpir surgiu e, por essa razão, escrevo que é um dos mistérios do Ribeirão;
- Uma anciã, moradora, que falou sobre costumes religiosos da comunidade;
- Uma mulher em idade adulta, mãe de uma criança de 7 anos, que falou sobre seu desejo de que a filha cresça com orgulho de ser quilombola;
- Mais de 15 crianças, em momentos diversos, de conversas informais, atividades orientadas, oficinas narrativas orais, escritas e audiovisuais, bem como outras atividades integrantes do plano de trabalho do projeto de pesquisa da professora Rose. Em uma das oficinas, acompanhei os desenhos e as

histórias que elas criaram, pois considero essa etapa uma forma de ouvi-las. Foi em um encontro que a frase “esse rio é uma vala” apareceu. O contexto era a pouca quantidade de peixes e a poluição do rio.

### **3.3 Redação e edição**

Meu objetivo com *O rio está pronto?* era produzir um livro infantil que gerasse identificação por parte das crianças do Ribeirão do Cubatão, levando em consideração as histórias que elas ouviram dos anciãos da comunidade e as que elas (re)contaram nas oficinas. Também integrava as finalidades registrar o vínculo comunitário por meio de práticas culturais que são exclusivas ao quilombo. Dessa forma, o texto inicia com a menção a São Gonçalo, santo protetor dos violeiros citado nas entrevistas. Como elemento central na narrativa, utilizei a construção do rio, feito por anciãos que eu tive a oportunidade de conhecer, precisava conduzir a história.

No decorrer da narrativa, escrevi elementos singulares do quilombo que vêm sendo identificadas por meio da pesquisa de Rose e selecionadas para nossa produção de registros, tais como as esculturas, o cipó, a pesca da tainhota, a adoração a determinados santos, o ritual do fandango e o cambucá. Esses componentes foram selecionados para integrar o livro, visando promover o reconhecimento identitário associado ao território do Ribeirão. Com o intuito de despertar a curiosidade das crianças, adicionei ao longo do texto elementos misteriosos que nos foram apresentados na última viagem a Joinville, enigma que elas conhecem bem (OLIVEIRA, 2022).

Fiz algumas alterações na versão inicial porque considerei insuficiente o número de vezes que usei as palavras quilombo e quilombola. As ilustrações foram feitas por mim e a capa é feita pelo Canva Creative Studio. *O rio está pronto?* tem 28 páginas e foi escrito entre os dias 15 e 21 de junho.

## **4 COLEÇÃO QUILOMBOLINHA**

A coleção Quilombolinha foi pensada para crianças de comunidades remanescentes de quilombo pelo Brasil. *O rio está pronto?* deve ser a primeira de muitas produções de livros infantis sobre as comunidades tradicionais. Diante de toda a descrição do processo de produção, sistematizo os princípios que fizeram o trabalho ser realizável, não como método rigoroso a ser seguido nas próximas obras, visto que cada quilombo tem suas particularidades,

mas como forma de registrar como este projeto foi feito e os princípios que orientaram minha prática.

Contar com a orientação de uma pessoa nascida no Ribeirão do Cubatão foi essencial para me situar em relação à comunidade. Entendo que nem sempre será possível desenvolver os livros dentro do contexto de uma pesquisa e contar com uma pré-seleção qualificada de fontes e atividades planejadas, como foi o caso desse primeiro volume. Porém, em outros contextos, pretendo sempre estar associada a um representante da comunidade, com quem eu possa desenvolver o trabalho em diálogo. Acredito que esse seja o elemento fundamental: que a construção do produto se dê em parceria com membros daquela comunidade.

A pesquisadora orientou desde 05 de outubro de 2022, data da primeira reunião sobre nossas idas ao Ribeirão, como poderíamos contribuir com os registros da relação de crianças e idosos na comunidade, foco da sua pesquisa de pós-doutorado. Também informou sobre algumas especificidades que fazem o Ribeirão ser o Ribeirão. Nesse sentido, a condução da professora Rose foi fundamental na construção de *O rio está pronto?*.

Consegui escrever este trabalho porque fui três vezes para Pirabeiraba e passei seis dias, ao todo, com os moradores do Ribeirão do Cubatão. Somente com as imersões, conhecendo os anciãos que guardam os saberes sobre as práticas culturais e ancestrais, brincando com as crianças, percebendo os detalhes da paisagem, que tive sustentação para desenvolver uma história infantil com elementos únicos da comunidade e também para produzir este relatório.

A criação de espaços para as crianças se expressarem livremente foi determinante no trabalho. Os encontros com os pequenos moradores do quilombo propiciaram conversas sobre o processo de crescimento na comunidade, permitindo compreender como constroem suas memórias em relação ao local e quais características singulares do Ribeirão do Cubatão as levam a reconhecer aquele território como seu lar. Para além disso, é preciso estar junto com elas, fazer parte de atividades que elas propõem; em outras palavras: tomar parte nas brincadeiras, passar tempo e ouvi-las, sem que sejam provocadas por um adulto.

Por fim, o Jornalismo me deu fundamentação prática e teórica para realizar entrevistas, escrita, fotografias, gravações em vídeo, apuração e observação em todas as viagens a Joinville. A partir da vivência em campo, fiz o exercício da ética e da sensibilidade, que são estruturais na profissão. Espero continuar trabalhando para defender os direitos, contribuindo para a promoção das garantias individuais e coletivas (FENAJ, 2007).

## **5 EQUIPAMENTOS E RECURSOS**

A realização do *Rio está pronto?* envolve o custo do uso dos meus equipamentos e dos deslocamentos para a comunidade. Para toda a produção, foram utilizados um computador Samsung Book E30 com 4GB de RAM e 1TB de HD e um celular. Disponho de todos os gastos abaixo, com base na tabela de de freelas do Sindicato de Jornalistas de Santa Catarina.

<b>Serviço</b>	<b>Valor Unitário (R\$)</b>	<b>Custo total</b>
Samsung Book E30	R\$ 3.928,33	R\$ 3.928,33
iPhone 13 de 128GB	R\$ 4.099,00	\$4.099,00
Gasolina	R\$ 250	R\$ 750
Pedágios	R\$ 4,70	R\$ 56,40
Hospedagem quarto triplo	R\$ 250	R\$ 750
Alimentação	R\$ 30	R\$ 420
Viagem/dia	R\$ 1.405,00	R\$ 8.043,00
Ilustração editorial	R\$ 389,28	R\$ 4.282,08
Ipad 6ª geração de 32GB	R\$ 2.000	R\$ 2.000
Caneta pencil WB para iPad	R\$ 109,09	R\$ 109,09
Procreate	R\$ 69,90	R\$ 69,90
<b>TOTAL</b>	<b>R\$ 13.055,31</b>	<b>R\$ 24.507,80</b>

## **6 DIFICULDADES E APRENDIZADOS**

Este trabalho é fruto do amadurecimento e como todo amadurecimento levou tempo para ficar pronto. Durante certo período, tive receio de não conseguir entregar para a comunidade Ribeirão do Cubatão aquilo que me foi dado. Em todas as viagens para Pirabeiraba, recebi acolhimento, afeto, carinho, sorrisos largos e abraços apertados. Ouvi histórias valiosas, registrei práticas da comunidade e conversei com anciãos de 80, 90 anos que guardam saberes preciosos do quilombo. Meu medo era não fazer o suficiente para aquelas pessoas. Compartilhei essa insegurança com a minha orientadora, Isabel, e ela disse que esse era o medo do pesquisador. Hoje, não enxergo mais como insegurança, mas como respeito e admiração por todos que moram ali.

A espera pela chegada da pauta foi angustiante. Isso porque o tempo estava passando e qualquer minuto na produção era fundamental. Simultaneamente à minha busca por

identificar os elementos que integrariam o livro, encontrava-me imersa no campo de apuração e no levantamento de informações. A demora em desenvolver o produto não foi um período de inatividade, mas sim um espaço de maturação de ideias. Por isso, quando decidi o que contaria, já tinha um caminho traçado e fundamentado para começar a escrever.

As dificuldades para realizar este projeto também foram influenciadas pelo meu emprego atual. Todas as minhas funções estão relacionadas ao uso da criatividade e, por muitas vezes, após o expediente, eu não tive disposição mental para produzir ao menos uma linha deste relatório. Nas semanas que antecederam a entrega, entretanto, pude dedicar mais tempo à escrita devido à redução de jornada.

Os aprendizados obtidos durante a execução deste Trabalho de Conclusão de Curso são incontáveis. Desde a primeira visita à comunidade, quando eu ainda não sabia que escreveria sobre o Ribeirão, até o último ponto final de *O rio está pronto?* aprendi sobre a prática e o aprimoramento das competências ensinadas no curso. Apuração, redação, captura de imagens, assim como a escuta ativa, sensibilidade e ética, foram habilidades constantemente exercitadas e promoveram reflexão sobre a prática profissional.

Destaco ainda os ensinamentos que nos convidam a refletir sobre uma epistemologia decolonial, não só no campo científico, mas também no reconhecimento e valorização da tradição oral e das demais práticas culturais que perpassam o Ribeirão do Cubatão. Esses ensinamentos foram aprendidos com as imersões na comunidade.

Por fim, o contato com as crianças da comunidade me fizeram conhecer o que é crescer no Ribeirão do Cubatão. Acompanhar suas produções, jogar bola, cantar, ouvi-las com atenção constituem a essência deste trabalho, visto que a presente produção tem como público-alvo essas crianças e porque elas também são sujeitos de direitos que devem se expressar livremente. Os encontros me ensinaram muito sobre a importância da infância e sobre o papel ativo das crianças na construção do mundo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Elaborar o Trabalho de Conclusão de Curso que cria um projeto editorial de livros infantis para comunidades remanescentes de quilombo pelo Brasil me proporcionou aprendizados inestimáveis como pessoa e profissional. Ir a campo, vivenciar práticas culturais e trocas de saberes tornou-se possível por causa da pesquisa de pós-doutorado da Rose, *Crianças e idosos: escutas, encontros e vidas compartilhadas*, juntamente com a ação de extensão do curso *Ribeirão do Cubatão: espaço de educação de jornalistas em direitos humanos*. Ambos projetos são realizáveis graças à universidade pública, gratuita e de qualidade. Nesse sentido, que felicidade foi ter a UFSC como casa durante cinco anos.

Finalizo o último trabalho da graduação com a certeza de que o Jornalismo é capaz de provocar transformação social. Entrei no curso por essa razão. Ao mesmo tempo, para que essa mudança atinja às crianças, ressalto a necessidade de produção de projetos para esse público. Os resultados no Repositório são um exemplo da escassez de trabalhos voltados à infância. Cabe aqui, portanto, dois questionamentos: os jornalistas pensam nas crianças? E, caso o façam, por que não produzem para esse público?

Meu desejo é que a coleção Quilombolinha cresça e abrace às crianças por meio de histórias que façam sentido em cada comunidade tradicional. Espero que essa produção crie espaço para a realização de outros trabalhos acadêmicos que levem em consideração as diferentes infâncias, sejam elas quilombola, indígena, cigana, LGBTQIAPN+ ou com deficiência.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, A. W. B. **Quilombos e as Novas Etnias**. Manaus: UEA Edições, 2011.

Disponível em:

<https://seppirhomologa.c3sl.ufpr.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/3053/QUILOMBOS%20%20E%20AS%20NOVAS%20ETNIAS.pdf>. Acesso em 12 de maio de 2023.

BRASIL. Decreto 4.887 de 20 de novembro de 2003. Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 21 nov. 2003. Disponível em:

[www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/2003/d4887.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/d4887.htm). Acesso em 12 de maio de 2023.

CARDOSO, F.; EICHENBERGER, H. V. Racismo Estrutural e Moradia em Joinville.

**Monumenta - Revista de Estudos Interdisciplinares**, v. 2, n. 4, p. 94-112, 24 mar. 2022.

CRISPIM, P. V. F. **Comunidades quilombolas na região sul de Santa Catarina:**

Resistências e lutas. Criciúma, 2017. Disponível em:

<http://repositorio.unesc.net/bitstream/1/6128/1/PAOLA%20VAZ%20FRANCO%20CRISPIM.pdf>. Acesso em: 12 de maio de 2023.

Federação Nacional dos Jornalistas – FENAJ. **Código de ética dos jornalistas brasileiros**. Rio de Janeiro: Fenaj, 2007.

FERREIRA, L. Mães mortas: onde falha o sistema de saúde que negligencia a vida das mulheres negras. **Gênero e Número**, 2018. Disponível em:

[www.generonumero.media/racismo-mortalidade-materna](http://www.generonumero.media/racismo-mortalidade-materna). Acesso em: 02 de julho de 2022.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública**, 2022. Disponível em:

<https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/06/anuario-2022.pdf?v=4>. Acesso em: 02 de julho de 2022.

GOMES, N. L. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: **Educação antirracista: Caminhos Abertos pela lei 10.639**. – Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

HAAK, L; OLIVEIRA, F. A. Construção da barragem e canal de derivação do Rio Cubatão do Norte no município de Joinville-SC. In: **Anais do XII Simpósio Nacional de Geomorfologia**. Crato, 2018. Disponível em:

<https://www.sinageo.org.br/2018/trabalhos/10/10-465-272.html>. Acesso em: 11 de abril de 2023.

HAVARD. **How Racism Can Affect Child Development**, 2022. Disponível em:

<https://developingchild.harvard.edu/resources/racism-and-eed/#graphic-text>. Acesso em 02 de julho de 2022.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios: Pnad Contínua**. Características gerais dos moradores 2021-2021. Disponível em:

[https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com\\_mediaibge/arquivos/6d9302ba400f942a970301b869f70713.pdf](https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/6d9302ba400f942a970301b869f70713.pdf). Acesso em 25 de julho de 2022.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios: Pnad Contínua Primeiro Trimestre de 2022.** Disponível em: [biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/2421/pnact\\_2022\\_1tri.pdf](biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/2421/pnact_2022_1tri.pdf). Acesso em 02 de julho de 2022.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios: Pnad Contínua. Educação 2019.** Disponível em: [biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101736\\_informativo.pdf](biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101736_informativo.pdf). Acesso em 02 de julho de 2022.

\_\_\_\_\_. **Características da população e dos domicílios: resultados do universo.** Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/93/cd\\_2010\\_caracteristicas\\_populacao\\_domicilios.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/93/cd_2010_caracteristicas_populacao_domicilios.pdf). Acesso em: 25 maio 2023.

II VIGISAN. **Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil.** 2022. Disponível em: <olheparaafome.com.br/wp-content/uploads/2022/06/Relatorio-II-VIGISAN-2022.pdf>. Acesso em: 02 de julho de 2022.

LEAL, M. D. C.; GAMA, S. G. N.; PEREIRA, A. P. E.; PACHECO, V. E.; CARMO, C. N.; SANTOS, R. V. A cor da dor: iniquidades raciais na atenção pré-natal e ao parto no Brasil. **Cadernos de Saúde pública**, v. 33, n. 13, p. 1-17, 2017. Disponível em: [www.scielo.br/j/csp/a/LybHbcHxdFbYsb6BDSQHb7H/?format=pdf&lang=pt](http://www.scielo.br/j/csp/a/LybHbcHxdFbYsb6BDSQHb7H/?format=pdf&lang=pt). Acesso em: 02 de julho de 2022.

MÁRQUEZ, G. G. **Cheiro de Goiaba.** Rio de Janeiro: Record, 1982.

MOURA, C. **Quilombos: resistência ao escravismo.** 5. ed. Piauí: EdUESPI, 2021. Disponível em: <https://editora.uespi.br/index.php/editora/catalog/download/55/45/283-1?inline=1>. Acesso em: 12 maio 2023.

NASCIMENTO, M. B. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. In: Beatriz Nascimento, **Quilombola e Intelectual: Possibilidades nos dias da destruição.** Maria Beatriz Nascimento. Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018.

O'DWYER, E. C. Terras de quilombo no Brasil: direitos territoriais em construção. **Ariús**, Campina Grande, v. 14, n. 1/2, p. 9–16, jan./dez. 2008. Disponível em: [https://www.ch.ufcg.edu.br/sites/arius/01\\_revistas/v14n1-2/01\\_arius\\_v14\\_n1-2\\_autora\\_convivida\\_terras\\_de\\_quilombo\\_no\\_brasil.pdf](https://www.ch.ufcg.edu.br/sites/arius/01_revistas/v14n1-2/01_arius_v14_n1-2_autora_convivida_terras_de_quilombo_no_brasil.pdf). Acesso em: 12 de maio de 2023.

OLIVEIRA, K. de. LINEBEIJU. **Literatura Negro-Brasileira do Encantamento Infantil e Juvenil.** Belo Horizonte: Nandyala, 2022. Série “Bagagem Literária”, v. 1.

SECRETARIA DA ASSISTÊNCIA SOCIAL, MULHER E FAMÍLIA. **Dados Quilombolas.** Florianópolis, s.d. Disponível em: <https://www.sas.sc.gov.br/index.php/direitos-humanos/gerencia-de-politicas-para-igualdade-racial-e-imigrantes-geiri/dados-2>. Acesso em: 25 de maio de 2023.

**TERRA DE DIREITOS.** No atual ritmo, Brasil levará 2.188 anos para titular todos os territórios quilombolas com processos no INCRA. Disponível em:

<https://terradedireitos.org.br/noticias/noticias/no-atual-ritmo-brasil-levara-2188-anos-para-titular-todos-os-territorios-quilombolas-com-processos-no-incra/23871>. Acesso em: 25 de junho de 2023

VAZ, B. A. Quilombos. In: GRIECO, B; TEIXEIRA, L; THOMPSON, A (Orgs.). **Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural**. 2. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro, Brasília:

IPHAN/DAF/Copedoc, 2016. (verbete). ISBN 978-85-7334-299-4. Disponível em:

<http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural/detalhes/81/quilombo>. Acesso em: 12 de maio de 2023.

WILLIAMS, D. R.; PRIEST, N. **Racismo e Saúde**: um corpus crescente de evidência internacional. *Sociologias*, Porto Alegre, v. 17, n. 40, p. 149-155, nov./2015. Disponível em:

<https://www.scielo.br/pdf/soc/v17n40/1517-4522-soc-17-40-00124.pdf>. Acesso em: 3 de julho de 2022.

## Anexo A - Ficha do Trabalho de Conclusão de Curso – Jornalismo UFSC

FICHA DO TCC	Trabalho de Conclusão de Curso JORNALISMO UFSC		
ANO	2023		
ALUNO	Bianca Nery Ribeiro Batista		
TÍTULO	QUILOMBOLINHA: Projeto editorial de uma coleção de livros infantis sobre comunidades quilombolas		
ORIENTADOR	Isabel Colucci		
MÍDIA	x	Impresso	
		Rádio	
		TV/Vídeo	
		Foto	
		Website	
		Multimídia	
CATEGORIA		Pesquisa Científica	
		Produto Comunicacional	
		Produto Institucional (assessoria de imprensa)	
	x	Produto Jornalístico (inteiro)	Local da apuração: Ribeirão do Cubatão, Joinville
		Reportagem livro reportagem ( )	( ) Florianópolis ( ) Brasil ( ) Santa Catarina ( ) Internacional ( ) Região Sul País: _____
ÁREAS	Quilombo. Quilombola. Ribeirão do Cubatão. Joinville. Crianças. Infância. Projeto editorial.		
RESUMO	<p>Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) consiste em um projeto editorial de uma coleção de livros sobre histórias recolhidas em comunidades quilombolas, a Coleção “Quilombolinha”. Apresenta, como caso desenvolvido, o primeiro livro: “O Rio está pronto?” criado a partir da história do rio que corta a comunidade quilombola Ribeirão do Cubatão. Esta comunidade está em processo de reconhecimento como comunidade quilombola e se localiza na área rural do Distrito de Pirabeiraba, no município de Joinville, Santa Catarina. Para tal desenvolvimento, usa-se de dois princípios da Pedagogia Ecoancestral: territorialidade e ancestralidade. O trabalho (a) registra o vínculo comunitário por meio de práticas culturais que são exclusivas à comunidade quilombola Ribeirão do Cubatão; (b) contribui com a produção jornalística para as crianças; e (c) viabiliza a produção de outros livros infantis sobre comunidades remanescentes pelo país. O presente trabalho foi concebido no contexto do projeto de extensão “Ribeirão do Cubatão: espaço de educação de jornalistas em direitos humanos”, que se desenvolve a partir da aproximação de alunos do curso de Jornalismo com o projeto de pesquisa de pós-doutorado “Crianças e idosos: escutas, encontros e vidas compartilhadas”, conduzido pela professora Roselete Fagundes de Aviz, do Departamento de Metodologia de Ensino da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).</p>		

## DECLARAÇÃO DE AUTORIA E ORIGINALIDADE

Eu, Bianca Nery Ribeiro Batista, aluna regularmente matriculada no Curso de Jornalismo da UFSC (JOR/CCE/UFSC), matrícula 18102551, declaro para os devidos fins que o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **Quilombolinha: Projeto editorial de uma coleção de livros infantis sobre comunidades quilombolas** é de MINHA AUTORIA e NÃO CONTÉM PLÁGIO.

Estou CIENTE de que em casos de trabalhos autorais em que houver suspeita de plágio será atribuída a nota 0,0 (zero) e que, adicionalmente, conforme orientação da Ouvidoria e da Pró-Reitoria de Graduação (Prograd), “em caso de suspeita ou verificação de plágio, o professor deverá notificar o Departamento no qual está lotado para as providências cabíveis”.

Autorizo a publicação do TCC no Repositório Digital da UFSC.

Florianópolis, 25 de junho de 2023

---

Assinatura